

DOI: 10.21204/2359-375X/

Futebol, Torcida e Territórios: diálogos entre Antropologia e Jornalismo em dia de jogo do Botafogo-PB

Soccer, Soccer Fans and Territories: dialogues between Anthropology and Journalism on a game day of Botafogo-PB Soccer Team

Marco Aurélio Paz TELLA¹
Phelipe Caldas Pontes CARVALHO²
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Historicamente, narradores e demais jornalistas de rádio e de TV que fazem as transmissões de futebol Brasil a fora costumam ver a torcida de um clube como uma unidade que vai ao estádio sempre com o mesmo objetivo: torcer pelo seu time do coração. Uma leitura distante do que acontece e que muitas vezes complica o trabalho dos profissionais de imprensa, que sem as informações adequadas não sabem lidar ao vivo, por exemplo, com ocorrências originadas dentro de uma mesma torcida. Este artigo, portanto, com o pretensioso objetivo de contribuir com o trabalho da crônica esportiva brasileira, analisa jogos do Botafogo-PB sob um olhar antropológico para entender melhor como se constituem as torcidas de futebol. E tentar mostrar que bem diferente de uma unidade indivisível, a torcida de um mesmo clube é na verdade um conjunto de territórios que coexistem numa mesma arquibancada em permanente estado de negociações e conflitos.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo; Antropologia e Jornalismo; Futebol; Torcida; Território; Botafogo-PB.

Abstract

Historically, narrators and other radio and TV journalists who broadcasts soccer in Brazil usually see the fans of a soccer team as a homogeneous group that goes to the stadium always with the same goal: to cheer for their team. A reading that does not correspond to the facts and that often complicates the work of press professionals, who without adequate information do not know how to deal with disputes originating within the same crowd on live broadcasts, for example. This article, therefore, has the pretentious goal of contributing to the work of the Brazilian sports chronicle corps. To understand better how soccer fans are made, it analyzes Botafogo-PB games under an anthropological perspective. In addition, it tries to show that quite different from an indivisible homogeneous group, the fans of the same teams are actually a set of territories that coexist in a same stand in a permanent state of negotiations and conflicts.

Keywords

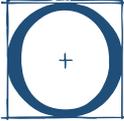
Sports journalism; Anthropology and Journalism; Soccer; Soccer fans; Territory; Botafogo-PB.

RECEBIDO EM 26 DE DEZEMBRO DE 2016
ACEITO EM 12 DE MAIO DE 2017

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB) e pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi/UFPB). Autor dos livros "Direitos Humanos", "População Afro-Paraibana e Mulheres Negras" e "Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais", dentre outros capítulos de livros e artigos publicados. Contato: marcoaureliopaz@hotmail.com

² JORNALISTA. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. Autor do livro-reportagem "Academias de Bambu: boemia e intelectualidade nas mesas de bar"; e do livro de crônicas "Além do Futebol: paixões, dores e memórias sobre um jogo de bola". Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Contato: pontescarvalho@gmail.com

Introdução

 estádio de futebol está lotado.³ O time da casa vive excelente momento. E o jogo é dos mais importantes na história do clube em questão. Primeiro porque é jogo de campeonato nacional. E, depois, vale classificação. De tão importante, o jogo será transmitido pelas emissoras de TV e de rádio para várias partes do país. Principalmente porque os ingressos vendidos com antecedência para assistir ao jogo das arquibancadas não são nem de perto suficientes para contemplar todos aqueles que querem acompanhar o momento decisivo que está para começar.

Reunidos aonde dá, na casa de amigos, em bares superlotados, ou na solidão inviolável de seu próprio quarto, cada torcedor que está fora do estádio acompanha desde muito antes, pela televisão ou pelo rádio, todo o desenrolar do que acontece lá dentro. E como o rival é de bem longe, (quase) todos daquela cidade torcem pelo time da casa, e a princípio todos em comum acordo um com o outro.

Inicia-se a transmissão. E com ela, a narração. As palavras de ordem vindas do estádio são muitas vezes as mesmas para se referir à torcida que superlota o local. Fala-se em “massa”, em “nação”, em “bando de loucos”, em “mundo de gente”, em “festa da multidão”, entre outros.

Expressões estas que estão presentes nos discursos de muitos dos narradores e que passam a ideia de homogeneidade, de grupo indivisível, de bloco unitário, comunidade de iguais.

O jornalista, seja por desconhecimento, seja apenas porque tentou levar mais emoção à narração, acaba muitas vezes por transmitir ao telespectador ou ao seu público ouvinte uma errônea ideia de unidade que simplesmente não existe na prática. E acaba por se complicar quando, em meio à transmissão, por exemplo, se depara com conflitos internos – e para ele inesperados – entre pessoas de uma mesma torcida.

Não é raro isto acontecer. O jornalista, de posse de uma visão rasa do processo formador das torcidas de futebol, não sabe lidar adequadamente com o incidente. Passa informações erradas, desconstruídas, tem dificuldade de entender o que se processa diante de seus olhos. Questiona abobadamente. Lamenta. Mas não consegue traduzir de forma convincente o porquê de “iguais” se digladiarem. Por

³ O cenário descrito aqui não se refere a um jogo específico, mas ao ambiente de uma partida com estádio cheio.

fim, se perde diante do público que lhe assiste pela TV ou que lhe ouve pelo rádio e perde com isso parte de sua credibilidade.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo mostrar como a pesquisa antropológica pode derrubar o mito da unidade dentro de uma mesma torcida de futebol e, assim, servir de aporte para as transmissões esportivas, uma vez que uma informação mais próxima da realidade vai permitir uma transmissão mais embasada, informativa e assertiva.

Embora os profissionais envolvidos nas transmissões esportivas vivenciem quase que cotidianamente o futebol, os estádios e a torcida, isso não os assegura o entendimento das arquibancadas. Por isso a pertinência do olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002) que frequentemente falta a narrador, a comentarista e a repórter de campo, mas que vai permitir a percepção da diversidade de pessoas e de grupos que ali estão, com interesses distintos pelo clube e com múltiplas formas de torcer: o “olhar de perto e de dentro” é “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe” (Id., Ibid., p. 17).

Essa distinção e opção pelo enfoque “de perto e de dentro” em detrimento ao “de fora e de longe”, portanto, nos permite perceber distinções, disputas, conflitos. Em suma, nos dá a perspectiva de como as pessoas que ocupam aquele espaço, as arquibancadas – antes difundidas como uma unidade –, se organizam.

Para justificar este estudo, devemos inicialmente defender a relevância desta abordagem multidisciplinar. E podemos fazer isso citando Rüdiger (2002, p. 52), que fala da importância de se “usar os instrumentos das ciências sociais para investigar os fenômenos da mídia”.

Já do ponto de vista antropológico, DaMatta (1978, p. 5) aponta uma preocupação crescente da Antropologia Social em analisar “a nossa própria sociedade”. E para tanto, ele indica que é necessário “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir [...] o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação”.

É, pois, o que se pretende com este artigo: utilizar uma ciência social como a Antropologia para colaborar com os estudos acadêmicos em Comunicação Social, tornando possível assim problematizar e colocar à prova um olhar propagado em muitas transmissões de futebol Brasil afora.

Para tanto, o ensaio que se segue vai analisar os torcedores do Botafogo Futebol Clube⁴ que ocupam os diferentes setores do estádio em dia de jogo. A pesquisa se deu no Estádio José Américo de Almeida Filho, o Almeidão, localizado em João Pessoa e que, apesar de pertencer ao Governo do Estado da Paraíba, é considerado a casa botafoguense. Ainda sobre a pesquisa, ela é fruto de observações, conversas diversas e entrevistas com cinco torcedores⁵ que frequentam periodicamente diferentes espaços do estádio em dias de jogo do Belo – o apelido do clube.



Foto 1: Torcida do Belo canta no estádio Almeidão | **Raniery Soares** • Paraíba Press

O estádio, a torcida e o conjunto de territórios

Em primeiro lugar, é importante deixar evidente nessa abordagem o universo de torcedores botafoguenses que está sendo analisado. Na Série C do Campeonato Brasileiro de 2016, por exemplo, o clube de João Pessoa teve uma média de público de 8.645 torcedores por jogo.⁶ Mas em

⁴ Também conhecido por Botafogo-PB, em alusão ao seu estado de origem, e como forma de diferenciação ao Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro. É o maior clube de João Pessoa e único que atualmente é considerado grande na capital paraibana. O outro clube pessoense, o Auto Esporte, há muito já não faz frente ao rival. De forma que, na Paraíba, o Botafogo-PB só rivaliza hoje em dia em termos de tamanho, importância e tradição com dois outros clubes, o Campinense e o Treze, ambos de Campina Grande.

⁵ Devido a um acordo entre as partes, as identidades dos torcedores não serão reveladas.

⁶ MANIAUDET, Guilherme; SILVA, Leandro; HERBET, Wilson. Veja o ranking de média de público dos 128 clubes das Séries A, B, C e D. **Blog Numerólogos**, Rio de Janeiro, 14 dez. 2016.

partidas de maior importância, como a contra o Boa Esporte (o primeiro de dois duelos em que os clubes disputaram uma vaga na Série B do Campeonato Brasileiro de 2017), por exemplo, o público presente no Estádio Almeidão chegava a dobrar, recebendo mais de 16 mil pessoas.⁷

São todos, a rigor, botafoguenses. Nutridos por, segundo DaMatta (1994, p. 16), “relações insubstituíveis de simpatia, ‘sangue’ (ou ‘raça’) e amor”. Ao mesmo tempo, são todos “atores políticos”, “habitantes da cidade”, para citar termos utilizados por Magnani (2009, p. 130). Que, ao falar destes atores, alerta também para a necessidade de se questionar mais sobre: “Quem são? Onde moram? Quais são seus vínculos de parentesco? Em que acreditam? Como passam seu tempo livre?” (Id., Ibid., p. 130).



Foto 2: Botafoguenses no Estádio Almeidão: muito mais do que o grupo homogêneo que se supõe a princípio | **Raniery Soares** • Paraíba Press

Perguntas essas que, devido à velocidade crescente imposta no ritmo das redações, que vivem cada vez mais em função do tempo real, os jornalistas e radialistas nem sempre conseguem responder ou refletir. É

Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/numerologos/noticia/2016/12/veja-o-ranking-de-media-de-publico-dos-128-clubes-das-series-b-c-e-d.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁷ GLOBOESPORTE.COM. Almeidão do alto: fotos espetaculares mostram Belo x Boa por outro ângulo. João Pessoa, 01 out. 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/pb/futebol/brasileirao-serie-c/noticia/2016/10/o-almeidao-do-alto-foto-espetacular-mostra-belo-x-boa-por-outro-angulo.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

um problema cada vez mais comum no meio jornalístico brasileiro e que Moretzsohn (2002) vai chamar de “fetichismo da velocidade”.

A autora, por exemplo, critica a realidade de muitas redações em que estruturas industriais são montadas para atender a lógica de que “chegar na frente” torna-se mais importante do que “dizer a verdade” (Id., Ibid., p. 120, grifo da autora). Noutro momento, ela vai apontar “os riscos crescentes de imprecisão ou falsidade” (Id., Ibid., p. 132) quando se trabalha com a instantaneidade da notícia.

A propósito, Correia (2009, p. 17) é outro estudioso da Comunicação Social que vai lamentar essa ênfase no imediatismo: “O jornalismo contemporâneo tornou-se produto e causa de uma época em que o tempo se tornou um bem mais escasso”.

O jornalista, como se vê, numa profissão cada vez mais focada na superficialidade do tempo real, nem sempre consegue se aprofundar nos contextos daquilo que é noticiado. De forma que este artigo, utilizando-se de um rigor científico que se afasta da velocidade das redações jornalísticas, pretende colaborar com as transmissões de futebol respondendo de forma mais aprofundada as perguntas propostas por Magnani (citadas mais acima).

Enfim, ao buscar as respostas para tais questões, percebe-se que o grupo que compõe a torcida do Botafogo-PB é bem mais plural do que se imagina a princípio. O grupo se transforma em grupos. Heterogêneos. Conflitantes. Muitas vezes rivais. Todos dividindo um mesmo espaço. Por isso a proposição de não se falar mais em “a torcida”, mas em torcedores ou grupo de torcedores, considerando que todos estão no estádio para acompanhar a partida de futebol.

Ainda de acordo com Magnani (2009, 132),

a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores [...] em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos.

E, é fácil perceber em meio às observações etnográficas, que as práticas e experiências dessa complexa rede de grupos urbanos estarão refletidas no estádio de futebol. Mais precisamente, na arquibancada, espaço ocupado por torcedores e grupos de torcedores que proporcionam reorganizações espaciais, constituindo assim novas territorialidades.

Antes de prosseguir, é imperativo registrar que a ideia de “território” utilizada aqui não pode ser confundida como mero sinônimo de

espaço físico, mas como algo que se define “antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido” (HAESBAERT, 2011, p. 78). Dentro desta perspectiva, inclusive, “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder” (Id., Ibid., p. 79).

Prosegue Haesbaert (Ibid., p. 89), ao falar agora das padronizações internas de um território e de sua relação com outros territórios:

Todos os que vivem dentro de seus limites tendem assim, em determinado sentido, a ser vistos como “iguais”, tanto pelo fato de estarem subordinados a um mesmo tipo de controle (interno ao território) quanto pela relação de diferença que, de alguma forma, se estabelece entre os que se encontram no interior e os que se encontram fora de seus limites.

Em resumo, o território aqui é visto como “apropriação simbólica do espaço” (PINTO, 2005, 33). E ao identificar uma variedade de grupos distintos de botafoguenses num mesmo Estádio Almeidão, não poderemos deixar de tratar a praça esportiva como um local em que diversos territórios coexistem, e cujos integrantes reafirmam suas semelhanças internas e marcam suas diferenças com o outro.

A propósito, todas essas reflexões sobre o conceito de território remetem também à Teoria Geral dos Campos, de Pierre Bourdieu (1989, p. 66, grifo do autor), que vai se debruçar sobre uma “*estrutura de relações objetivas* que pudesse explicar a forma completa das interações”.

Bourdieu (Ibid., p. 164) vai falar, por exemplo, que um campo não surge naturalmente, mas sim “na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos”. E dando ênfase às “tomadas de posição”, vai defender que “o campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvios de níveis diferentes e nada [...] tem sentido senão racionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções” (Id., Ibid., p. 179). Em meio a esse debate sobre campo, inclusive, ele vai fazer referências às “relações de conflito ou de concorrência” (Ibid., p. 178) e a uma “lógica das oposições internas” (Ibid., p. 180).

Por sinal, destaque-se aqui o conflito em seu “caráter sociologicamente positivo”, conforme defendido por Simmel (2011). Algo inerente às relações sociais. Até porque, para o autor, “um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma pura “unificação” [...], não

só se apresenta como empiricamente irreal, como não representa nenhum processo concreto da vida” (SIMMEL, 2011, p, 570).

O conflito, portanto, não é necessariamente negativo ou danoso, mas parte natural dos fenômenos sociais. Pois, ainda segundo Simmel (Ibid., pp., 570-771), “a sociedade [...], para atingir uma forma determinada, precisa de alguma razão quantitativa de harmonia e desarmonia, de associação e de concorrência, de tendências favoráveis e desfavoráveis”.



Foto 3: A arquibancada é espaço de festas, mas muitas vezes vai servir também para as mediações e para os conflitos | **Phelipe Caldas**

Esclarecidos estes conceitos, voltemos à questão principal do presente ensaio. E questionemos: existem evidências outras que comprovem as diferenças dentro da torcida de um mesmo clube? Wisnik (2008), por exemplo, mostra que esta pluralidade não só é verdadeira, como se confunde com a própria popularização do futebol no Brasil.

Ao se referir à final do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, em que o Brasil jogando em casa (no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro) venceu o Uruguai por 1 a 0 e conquistou o primeiro título internacional de sua história, ele narra que “ao fundo do estádio lotado de ‘jovens bem vestidos e de senhorinhas elegantes’ vê-se o morro, em cuja

encosta se espreme uma galera-favela de 5 mil pessoas” (WISNIK, 2008, p. 208).

Não nos limitaremos a esta evidência do início do Século XX, obviamente. E voltando a Magnani (2002, p. 18) e à sua proposta de “um olhar de perto e de dentro” nos estudos etnográficos para se conhecer melhor o objeto a ser estudado, convidamos o leitor a entrar conosco no Estádio Almeidão em dia de jogo do Botafogo-PB.

O que será problematizado aqui, de certa forma, pode ser aplicado a qualquer partida do Belo em casa nos últimos anos. O posicionamento e o comportamento dos grupos de botafoguenses que ocupam os diferentes territórios do Almeidão são os mesmos a cada jogo, modificando-se apenas os incidentes que surgem a partir deste cenário.

O estádio pessoense é antigo. Fundado em 1975 e, portanto, com mais de 40 anos de existência. Com poucas reformas desde então, não se assemelha nem de perto com as modernas arenas multiusos que ficaram famosas no país a partir de 2014, com a realização da Copa do Mundo no Brasil. Até porque, ainda é do tipo de estádio que possui um fosso profundo separando o campo de jogo das arquibancadas.

Os torcedores que comparecem ao Almeidão são alocados em três setores principais: Setor de Cadeiras, Arquibancada Sombra e Arquibancada Sol. E é neste momento que as divisões – de caráter socioeconômico – começam. Os ingressos mais caros dão acesso ao Setor de Cadeiras, enquanto os mais baratos destinam-se à Arquibancada Sol.

Falaremos mais detidamente de cada um dos espaços do estádio. Antes, contudo, imagine-se no círculo central do campo de jogo. No lado oposto àquele em que o sol se põe, fica a Arquibancada Sol. O nome, portanto, é em referência ao fato dos torcedores deste lado do estádio ficarem expostos à luz solar ao longo dos jogos realizados durante a tarde. É o maior dos três setores, mas ao mesmo tempo o mais precário. Sem sombra, sem cobertura, com degraus de cimento mais estreitos e mais abrasivos (devido o calor solar), o que torna o sentar sensivelmente mais desconfortável.

No lado oposto, posicionados de forma que a própria estrutura do estádio protege os torcedores do sol, o espaço é dividido em Arquibancada Sombra e Setor de Cadeiras. A Arquibancada Sombra é mais perto do campo de jogo, e mesmo que não seja de todo confortável (o projeto que previa cadeiras no local não foi finalizado e o público também

sentado no cimento batido), possui degraus mais largos e frios, o que torna o sentar mais suave.

Já o Setor de Cadeiras fica um pouco mais acima. Mas como o nome sugere, o torcedor fica de fato sentado em cadeiras numeradas, o que faz dele o local mais confortável do Almeidão. O estádio ainda possui um setor de cabines de transmissão de rádio e televisão, um pouco mais acima das cadeiras, mas este é destinado aos profissionais de imprensa, com acesso proibido para o torcedor comum.



Foto 4: A Arquibancada Sombra em dia de jogo do Belo: tensão quase coreografada em meio a um lance de perigo | **Felipe Caldas**

A terra dos “torcedores de pista”, mas não só deles

Começamos a análise individual de cada setor pela Arquibancada Sol. O espaço mais acessível do estádio se prolonga num único vão de uma ponta a outra do campo de jogo. É o espaço das principais torcidas organizadas do Botafogo da Paraíba e da população mais pobre da cidade, ainda que não raro torcedores com maior poder aquisitivo preferam o Sol devido seu caráter mais popular e festivo.

A divisão é curiosa. Volte a se imaginar no círculo central do campo de jogo. Olhe para a Arquibancada Sol. A metade esquerda do espaço é toda de territórios das torcidas organizadas, o que não significa dizer que

aquela metade seja um espaço de entendimento mútuo. Muito pelo contrário.

São três torcidas organizadas que dividem o mesmo local: a Torcida Jovem do Belo (a mais antiga); além da Fúria Independente e da Anjinhos do Belo (ambas dissidentes da primeira). As entrevistas realizadas com torcedores que comparecem regularmente ao estádio apontam para divergências internas entre as torcidas, que vão desde disputas entre bairros (cada qual tem um público majoritário de um bairro diferente) até com relação a práticas que vão além do futebol.

É a parte da torcida do Botafogo-PB com mais relatos de conflitos e disputas, incluindo aí a disputa por territórios. Criam alianças e rivalidades de uma forma tão dinâmica que, não raro, uma torcida do Botafogo-PB é aliada de uma torcida de clube rival, mas inimiga de outra torcida do Belo.

No cenário específico, as três torcidas costumam se provocar mutuamente, ainda que, teoricamente, uma mesma paixão (o Botafogo-PB) os mova para o mesmo estádio. Os grupos brigam pelo controle da Arquibancada Sol. Tentam roubar bandeiras e faixas umas das outras ou das torcidas de times adversários (quando estas estão presentes). Os “espólios” serão usados como troféus, muitas vezes divulgados com orgulho na própria arquibancada ou por meio de fotos na Internet.

Possuem, todas elas, algumas características comuns e bem específicas. A primeira delas é que passam todo o jogo em pé (muitas vezes pulando). A segunda é que têm cantos específicos, ora de autopromoção ora de enfrentamento uma com a outra. Empunham grandes bandeiras com mastros de cano (os mastros de bambus, antes tradicionais, acabaram proibidos pelas forças de segurança). E têm sempre faixas presas ao alambrado da arquibancada, com dizeres apontados para o gramado. Outra característica marcante é que nunca usam as camisas oficiais do clube.

Mas foquemos um pouco mais nas faixas. Cada uma delas presentes aos estádios representa, segundo Souza (2014, p, 77), “um elemento simbólico crucial” de cada torcida organizada e estão ligadas diretamente à “ocupação de territórios” (Id., Ibid., p., 79). Muito por isso, “a prática de confiscar o material do oponente representa o triunfo” (Id., Ibid., p, 79) de uma torcida frente à outra.

Como se vê, tais grupos são organizados e independentes, com regras e estatutos bem definidos. Possuem símbolos, marcas, costumes e uniformes próprios que lhes diferenciam ao mesmo tempo dos outros

torcedores do Botafogo-PB e das demais torcidas organizadas. Em comportamentos que, como Le Breton (2006, p. 52) aponta em seu estudo sobre a sociologia do corpo, “não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando o outro”.

Das três, a Torcida Jovem do Botafogo – ou TJB, como também é conhecida – é a mais antiga. Foi fundada em 1997 e adota como símbolo uma caveira. Ela se autoidentifica como “maioral” e como “a mais temida”. E um detalhe importante é que a caveira tem uma presença em seus uniformes bem mais visível que a do escudo botafoguense. Seus integrantes vestem-se predominantemente de preto e é originariamente uma torcida do bairro do Cristo Redentor. Mas tem ramificações espalhadas por outros bairros de João Pessoa que são chamadas internamente pelo nome de “bonde”.⁸

A outra é a Fúria Independente. Foi fundada em 2008 e é identificada como sendo uma torcida do bairro de Mangabeira. Como a TJB, tem ramificações em outros bairros, mas no dialeto interno de seus integrantes estas são chamadas de “comando”.⁹ O símbolo atual é um cachorro estilizado e com formas humanas, segurando de forma ameaçadora um taco de beisebol. Seus uniformes têm as mesmas cores branca, preta e vermelha do clube pessoense, mas as semelhanças param por aí. Como no caso da rival TJB, o seu símbolo se sobressai nas camisas do grupo em detrimento do escudo do clube.

Por fim, a mais jovem das três, a Anjinhos do Belo. Foi fundada em 2009, em Jaguaribe. Nela, o preto e o branco se destacam na camisa, que tem como símbolo principal um anjo com expressões nada amistosas. Ou, se preferir, um homem mal encarado e sem camisa, mãos para trás, corpo musculoso, adornado com penas e auréola que nem de perto são suficientes para dar ares angelicais ao personagem.

As três se posicionam uma ao lado da outra. Se quisessem, teriam espaço para ficarem mais afastadas. Um único ato como este evitaria os atritos e as brigas. Mas, pelos movimentos das massas, elas demonstram não querer isso. Estão lá para disputar os espaços, transformados por eles em territórios próprios e de outros.

Os embates são frequentes. E mesmo quando não chegam ao confronto físico, as provocações são visíveis. Às vezes, com um verdadeiro

⁸ Em regra, estas ramificações são batizadas com a sigla da torcida, o nome “bonde” e o bairro que a identifica. Ex: “TJB Bonde dos Funcionários” e “TJB Bonde do Geisel”.

⁹ A ideia na Fúria é semelhante a TJB, mas o modelo é um pouco diferente, com o bairro que a identifica aparecendo antes do nome “comando”, que neste caso ainda é classificado por um número ordinal. Ex: “Fúria Valentina 3º Comando” e “Fúria Geisel 2º Comando”.

diálogo cantado. Uma torcida inicia uma música provocando a outra e quase que imediatamente a torcida provocada rebate com outra música, igualmente ofensiva. Não param. É uma verdadeira dança de ações e reações que dura todo o jogo.

Eles também torcem, é bem verdade. Tentam empurrar o time em momentos chaves da partida, gritam os nomes dos jogadores e vibram suas bandeiras no ápice de um jogo de futebol, que é o gol. Em que pese o lado conflituoso da área, é a parte mais animada e festiva do estádio.

A divisão do Almeidão, contudo, não para por aí. O trio de torcidas é rival, mas ao mesmo tempo se identificam mutuamente como sendo “os verdadeiros torcedores do Belo”. No dialeto das arquibancadas, os brigões são chamados de “torcedores de pista”.

Unem-se, de certo modo, ao menos do ponto de vista conceitual, quando é para criticar a passividade do resto do estádio, que em geral assiste ao jogo sentado, levantando-se apenas em momentos de gol e de quase gol.

Os cantos continuam no sentido de demarcar a diferença. Os integrantes de organizadas chamam os outros torcedores presentes ao estádio de “povão”, quando é para identificar os mais velhos; e de “playboys” ou “playboyzada”, para se referir aos mais jovens que não fazem parte de nenhuma torcida organizada. Na visão deles, são todos termos usados para designar pejorativamente quem “não torce de verdade”. É a forma, talvez, que estas torcidas têm para reafirmar suas origens em contraste aos que preferem o conforto à festa.

De toda forma, não é uma crítica unilateral. E quem é chamado de “povão” ou “playboy” rapidamente reage, transformando o agressor em agredido ao acusá-lo de “marginal”. Os conflitos, portanto, se estendem ainda mais. Os diferentes grupos coexistem, e mesmo que torçam pelo mesmo clube de futebol não aprovam as práticas e os comportamentos do outro. As relações de alteridade estão postas.

Aliás, até entre os torcedores da Arquibancada Sol que não fazem parte de nenhuma torcida organizada é perceptível algumas diferenças de comportamento. Alguns, ainda que discordem das práticas das organizadas, preferem assistir aos jogos mais perto delas, porque sabe que ali terão o direito de ficar em pé. A maioria, no entanto, prefere mesmo ficar mais afastada, longe dos eventuais conflitos, forçadamente sentados (aqueles que ficam mais afastados das organizadas gostam de

assistir às partidas, de fato, sentados, e reclamam quando alguém tenta quebrar esta regra suprema daquela parte do estádio).

Outras diferenças são visíveis neste segundo grupo, mas sem que as peculiaridades tenham força para se falar em novos territórios. Ainda assim, é interessante ver como são múltiplas as formas de se consumir futebol de dentro de um estádio. Pois na Arquibancada Sol se multiplicam alguns tipos folclóricos de torcedor: aquele que só vai ao estádio empunhando um rádio de pilha, o que vai sozinho e o que vai acompanhado por muitos, o que sempre está bêbado, o pobre que pede dinheiro na entrada do estádio para conseguir comprar o ingresso, o velho conhecido de todos que ainda mantém o costume de levar laranjas para consumi-las na arquibancada e até aquele que leva guarda-chuva para se proteger do sol.

As fronteiras pouco definidas da Arquibancada Sombra

Muitos dos tipos folclóricos presentes na Arquibancada Sol também estarão representados na Arquibancada Sombra, mas no local as preocupações e os conflitos serão outros. Por exemplo, a incidência de brigas é menor. Não que elas não existam, mas quando acontecem são mais localizadas e quase nunca previamente orquestradas.¹⁰



Foto 5: Na Sombra, brigas são raras, mas existem | **Raniery Soares** • Paraíba Press

¹⁰ Diferente do que por vezes acontece entre as torcidas organizadas da Arquibancada Sol, que costumam agendar pela internet algumas brigas.

Na Sombra, o perfil do torcedor é outro. Basicamente formado por pessoas de classe média. Existe uma única torcida organizada, a Império Alvinegro, que ocupa uma parte central da arquibancada, bem rente à linha de meio de campo do gramado.

Tem características semelhantes às das torcidas localizadas no Sol na forma de torcer (em pé, com faixas e bandeiras, cantando e com batucada), mas se declara uma organizada pacífica e sem “apologia à violência”, segundo depoimento de seus próprios integrantes.

Com relação aos uniformes, sempre brancos, uma particularidade. Ainda que na camisa usada pelos integrantes da torcida o escudo do Botafogo-PB ocupe espaço de destaque – o que lhe difere das demais organizadas –, eles também optam por usar uniformes próprios em detrimento do padrão de jogo oficial vendido pelo clube. Num mesmo ato, portanto, eles se identificam como torcida organizada (e não como “torcedor comum”), mas ao mesmo tempo se diferenciam das outras associações de torcedores que têm um caráter mais conflituoso.

Está posto, pois, mais um território bem definido que é ocupado no Estádio Almeidão. E que busca outras diferenciações com relação às demais organizadas. Seu lema – “a Império veste branco” –, além de fazer alusão às cores de seu uniforme, reforça o seu discurso de paz. E seus cantos são todos tendo a instituição Botafogo-PB como protagonista. Ao contrário dos praticados pelas torcidas organizadas da Arquibancada Sol, que têm um caráter de autopromoção e de provocação, ficando o nome do clube com papel periférico.

Engana-se, contudo, quem imagina que a Arquibancada Sombra é um grupo mais homogêneo. As relações conflituosas seguem existindo, ainda que, como já exposto, as agressões físicas sejam mais raras e mais localizadas, quase sempre fruto de desentendimentos pessoais momentâneos e não por ações coletivas.

Os atritos, agora, acontecem dentro de uma ordem ideológica com critérios nem sempre bem definidos. Explica-se: tal como acontece na Arquibancada Sol com as demais torcidas organizadas, existe um orgulho próprio da Império Alvinegro por ser o único espaço da Arquibancada Sombra onde os torcedores assistem aos jogos de pé, entoando cantos e danças quase que de forma ininterrupta. Este orgulho, obviamente, é por si só uma forma de se diferenciar dos outros, que preferem ficar sentados ao longo dos 90 minutos de partida.

Ademais, nesta segunda parte (em que os torcedores preferem ficar sentados) também saem diferentes grupos de torcedores que se criticam mutuamente e que vivem de se questionar um ao outro. O mais facilmente identificável é aquele dividido entre os “torcedores de arquibancada” e os “torcedores de momento”, apenas para usar mais uma vez os termos nativos que são difundidos no próprio estádio.

O primeiro grupo é daqueles considerados frequentadores assíduos do estádio e que comparecem aos jogos do Botafogo-PB independente de o clube estar num bom ou num mau momento. O segundo, daqueles não tão assíduos, que comparecem ao estádio apenas quando o clube vive um bom momento. Muito por isto, são pejorativamente identificados como “modinhas”.

É curioso, mas existe internamente um preconceito com este segundo grupo. São considerados menos torcedores, menos dignos, menos botafoguenses, até. Menos passíveis de serem levados a sério. Após uma derrota, por exemplo, a crítica é mais aceita pela própria arquibancada quando esta parte de um torcedor mais assíduo do que quando parte de um torcedor esporádico. Ainda que, a rigor, estejam todos torcendo e querendo o bem da mesma agremiação.

Nesta subdivisão, também é possível identificar características próprias. Entre os “torcedores de arquibancada”, é maior a frequência de quem comparece ao jogo com a camisa do clube. De quem é sócio e investe nos produtos oficiais. De quem conhece os bastidores. De quem debate os pormenores do cotidiano do elenco. Já entre os “torcedores de momento”, a maioria (mas não todos) vai à paisana, sem camisas ou símbolos que identifique o clube. Mais interessados em curtir o jogo do que analisar a fundo os motivos de cada ação e reação. Nem por isso eles se sentem menos botafoguenses, menos autênticos, e vão exigir o respeito que os demais preferem lhes negar.

Já foi dito aqui. As brigas neste setor do estádio não costumam ser premeditadas. Mas elas acontecem neste limiar entre quem pode e quem não pode criticar. Entre quem tem e quem não tem direito a um xingamento mais exasperado.

Principalmente porque existem outros dois grupos que se misturam aos dois já descritos e que tornam as fronteiras cada vez menos definidas. Mais uma vez pegando emprestadas as expressões nativas das arquibancadas, são os “cornetas” e os “babões”. Os termos são pinçados de como um grupo vê o outro, sempre de forma pejorativa, sendo que o

primeiro grupo é formado por críticos da diretoria de momento no clube e o segundo é formado por defensores desta mesma diretoria.

Como existem “babões” e “cornetas” tanto entre os “torcedores de arquibancada” como entre os “torcedores de momento”, o conflito se acentua ainda mais. Além de opositores e situacionistas ficarem constantemente se agredindo, um frequentador assíduo vai sempre tentar desqualificar a opinião contrária daquele que vai ao estádio apenas de vez em quando. O torcedor com frequência assídua se vê com credibilidade e autoridade para criticar. E um xingamento ou uma ordem de “cala a boca” vindos de um torcedor menos assíduo pode ser o estopim para uma briga, principalmente em dias de derrotas, desclassificações ou mau futebol. Afinal, é claramente perceptível que os momentos negativos são sempre mais propícios para a potencialização do conflito.

Para completar, a proximidade do Setor de Cadeiras da Arquibancada Sombra acirra ainda mais os ânimos. O setor mais caro do estádio é ocupado majoritariamente pela classe alta da cidade, por pessoas mais velhas que querem levar seus filhos ao jogo e que têm aporte financeiro para bancar ingressos que em regra passam de R\$ 60 por jogo. Mas este mesmo espaço é também ocupado pelos familiares dos jogadores e pelos dirigentes do clube.

Um protesto, portanto, que de início tem o campo de jogo como alvo pode rapidamente se voltar para as cadeiras, onde estão as pessoas diretamente ligadas com as decisões tomadas no clube de futebol. Nos jogos analisados nesta pesquisa, não foram poucas as vezes que, em dias de reveses, dirigentes do Belo trocaram insultos com torcedores mais raivosos. E, como num efeito em cadeia, este entrave localizado acabou tendo ressonância em outros locais do estádio. Reaquecendo diferenças e conflitos adormecidos que apenas esperavam o momento propício para virem mais uma vez à tona.

Conclusões preliminares

Ao discorrer sobre a evolução do conceito de identidade ao longo dos tempos, Hall (2006, p. 17) vai defender que

a sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade [...]. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma.

Mais adiante, ele vai solapar a ideia de “identidade cultural unificada” (HALL, 2006, p. 65).

É claro que, em ambos os casos, Hall fala de sociedade de um ponto de vista macro, se referindo a povos de diferentes países e nações. Tanto que dá como exemplo as sociedades de França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália, entre outros.

Parece-nos, contudo, que os conceitos servem para qualquer tipo de sociedade. Tanto para uma nacional, como para uma local. E como “local” pode-se falar em população de uma mesma cidade, em moradores de um mesmo bairro ou em torcedores de um mesmo clube de futebol, como é o nosso caso aqui.

As sociedades não são indivisíveis. Ao contrário, “elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (Id., Ibid., p. 62).

Aplicando esta premissa ao caso exposto no artigo, podemos dizer que a torcida do Botafogo-PB presente ao Estádio Almeidão é comumente vista como “unificada” apenas porque, a rigor, aquele grupo de torcedores está sempre a se reunir no mesmo estádio de futebol, nos mesmos jogos, nos mesmos dias e horários em torno do mesmo clube e do mesmo elenco. Mas esta suposta unidade é um mito na medida em que o termo totalizador “torcida” esconde diferenças internas insanáveis que passam pelos distintos modos como cada grupo assiste ao jogo; pelos múltiplos objetivos e interesses postos durante a partida; pelas distintas classes sociais existentes; pelas divergências ideológicas identificadas em cada um dos setores, etc.

Identificar estes múltiplos territórios que se reproduzem paralelamente numa mesma arquibancada é função fundamental da Antropologia. E esses são dados que, se bem utilizados pelos jornalistas esportivos, poderão lhes dar o aporte necessário para modernizar e até certo ponto revolucionar a transmissão esportiva de rádio e de TV que é realizada quase que diariamente no país.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso**: notas sobre jornalismo e representações sociais. Covilhã: LabCom, 2009.

- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. **Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, pp. 10-17, jun./ago. 1994.
- DAMATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, n. 27, pp. 1-12, mai. 1978.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme. Etnografia Como Prática e Experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, pp. 129-156, jul./dez. 2009.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em Tempo Real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Renavan, 2002.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Etnicidade e Nacionalismo Religioso entre os Curdos da Síria. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, pp. 31-61, jul./dez. 2005.
- RÜDIGER, Francisco. **Ciência Social Crítica e Pesquisa em Comunicação**: trajetória histórica e elementos de epistemologia. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- SIMMEL, Georg. O Conflito como Sociação. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, pp. 568-573, dez. 2011.
- SOUZA, Rommel Jorge Barbosa de. **Nervos e Emoção**: formas de interação entre torcedores organizados da Facção Jovem (Campinense – Campina Grande-PB). 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, 2014.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

